

A AÇÃO DO MEDIADOR E DO PROFESSOR DE ARTE NA APREENSÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA NA 8ª BIENAL DO MERCOSUL

Rejane Reckziegel Ledur / Universidade Luterana do Brasil

RESUMO

O texto apresenta o recorte de uma pesquisa que buscou perceber os sentidos produzidos pelos alunos na interação com a Arte Contemporânea na 8ª Bienal do Mercosul. Contextualiza as transformações que vem ocorrendo na sociedade contemporânea e que se refletem no campo das artes visuais ao desconstruírem os fundamentos da arte tradicional ou moderna. Reflete sobre o sistema da arte em seu estado contemporâneo, enfocando a instância da recepção do público. A partir da fala dos alunos, busca analisar a importância da ação do mediador e do professor de arte na apreensão da arte contemporânea. Evidencia-se a importância do mediador e do professor de arte como potencializadores da experiência estética na escola, tendo como base um ensino de arte conectado com os desafios da arte na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

arte contemporânea; produção de sentidos; ensino da arte; mediação.

ABSTRACT

This text presents a selected part of a research that aimed to observe the meanings produced by students in an interaction with Contemporary Art at the 8th Mercosul Biennial. It contextualizes the changes that have been occurring in contemporary society which reflect on visual arts area deconstructing the foundations of traditional or modern art. It reflects on the art system in its contemporary state, pointing out the case of the public reception. Based on the students' speech, it aims to analyse the importance of the action from the mediator and from the art teacher in the apprehension of contemporary art. It testifies the importance of the mediator and of the art teacher as enhancers of the aesthetical experience at school, having as it basis an art teaching connected to the challenges of art in the contemporary.

KEYWORDS

contemporary art; meaning production; teaching of art; mediation

As transformações que ocorreram na organização social, econômica e cultural da sociedade nas últimas décadas desestabilizaram os princípios que norteavam o pensamento moderno, sinalizando para uma mudança de paradigma. Diferentes conceitos, como pós-modernidade, pós-industrialismo, pós-modernismo, sociedade líquida, hipermodernidade, sociedade da informação, entre outros, são usados por estudiosos contemporâneos¹ para denominar os novos tempos e demonstram a dificuldade de construir uma teoria coesa ou de definir um momento que está em contínua mudança.

Melluci (1999, p.10) reforça a ideia de uma mudança de paradigma, ao afirmar que “será necessário investir muito tempo e muito esforço antes que se possa elaborar um marco teórico satisfatório capaz de definir as mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea”. Essas transformações dizem respeito a uma mudança na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que afetaram, profundamente, alguns setores da nossa cultura, como no caso o campo das artes visuais. Na arte contemporânea, as transformações são muito visíveis por desconstruírem os fundamentos da arte tradicional ou moderna.

Arthur Danto (2006) e Hans Belting (2012) quase que, ao mesmo tempo, na década de 1980, publicaram textos em que apresentavam uma percepção vívida de que alguma mudança histórica transcendental havia ocorrido nas condições de produção das artes visuais. Fernando Cocchiarale (2006) também reconhece que muitos ainda têm medo da arte contemporânea, por não a entender, achá-la estranha ao que, tradicionalmente, consideram arte ou por sua fidelidade teórica à arte moderna.

Para aprofundar a reflexão em torno das mudanças nas condições de produção e apreensão da arte contemporânea, apoio-me no estudo da professora e artista Anne Cauquelin (2005) que parte da percepção de que o público parece desnortado diante da arte contemporânea, a qual ainda não dispôs de um tempo para se constituir e se estabilizar, a fim de obter o reconhecimento.

Em relação a produção da arte contemporânea, a autora busca estabelecer alguns critérios de distinção que não estão apenas no conteúdo das obras, nas formas ou

empregos de materiais diversificados. Ressalta o fato de haver um sistema da arte, em seu estado contemporâneo, que difere do sistema anterior que prevaleceu até então, e é o conhecimento desse sistema que permite apreender o conteúdo das obras. Cauquelin define o sistema 'Estado Contemporâneo' como sendo:

[...] o produto de uma alteração de estrutura de tal ordem que não se podem mais julgar nem as obras nem a produção delas de acordo com o antigo sistema. É justamente neste ponto que se instala o mal-estar: avaliar a arte segundo critérios em atividade há somente duas décadas é não compreender mais nada do que está acontecendo. (CAUQUELIN, 2005, p. 15)

A falta de parâmetros definidos para avaliar a arte contemporânea deixa o público um pouco desorientado diante da diversidade das obras que são apresentadas. Os critérios de julgamento estético ainda estão formatados pela experiência com a arte tradicional e moderna, considerando que não houve um tempo de formulação e constituição do olhar para o reconhecimento da arte contemporânea.

Cauquelin procura situar essa diferenciação na arte a partir da análise dos sistemas que regem cada período histórico. Para a autora, a arte moderna se constituiu na sociedade do consumo, sendo que as características e as transformações do regime de consumo não dão mais conta de explicar as manifestações e rupturas da arte contemporânea. Constata, no entanto, uma passagem do consumo à comunicação, em que as 'novas comunicações' sacodem o mundo da arte, que sofre seus efeitos, desencadeando mutações que não podem ser consideradas superficiais.

Neste sistema, a obra e o artista são tratados de forma simultânea pela rede de comunicação como elemento que a constitui, sem o qual a rede não tem razão de ser, mas também como um produto da rede, em que sem a rede nem a obra e nem o artista tem existência visível. O sistema de comunicação que rege a arte contemporânea se alicerça na visibilidade, na transparência, na saturação, na renovação, na individualização, caracterizando a circularidade da informação.

Cauquelin, ao apresentar a intrincada rede que trama as significações em torno da arte contemporânea, nos auxilia na compreensão do panorama artístico atual e na percepção das diferentes instâncias envolvidas nesta produção, recepção e

circulação da arte, que extrapola a relação tradicional entre artista, obra e espectador.

Em relação ao público, a autora percebe-o muito desorientado diante da arte contemporânea. Observa que há um aumento significativo de museus e galerias, mas a arte está muito afastada do público, no caso o cidadão comum, que é convidado a participar do espetáculo e tem seu julgamento estético colocado entre parênteses. Há todo um sistema definindo o que é arte. “E assim o público consome a rede, enquanto a rede consome a si própria” (CAUQUELIN, 2005, p.79).

Considerando que temos poucos parâmetros construídos para avaliar como as desconstruções da arte contemporânea são apreendidas pelo espectador, buscou-se, através de uma pesquisa de doutorado (LEDUR, 2013), perceber os sentidos que são produzidos pelos alunos na interação com as obras apresentadas na 8ª Bienal do Mercosulⁱⁱ. Promovida em anos ímpares pela Fundação Bienal do Mercosul, a mostra tem, no seu histórico, nove edições do evento, que reuniram um número significativo de exposições, artistas e público visitante, assim como a promoção de ações de formação, de mediação, material educativo, cursos, seminários, oficinas e publicações.

A 8ª edição da Bienal do Mercosul, que foi o foco da pesquisa, aconteceu de 10 de setembro a 15 de novembro de 2011 e reuniu 186 trabalhos de 105 artistas. Com o título de *Ensaio de Geopoética*, a mostra tratou da territorialidade e sua redefinição crítica a partir de uma perspectiva artística. Foram selecionadas obras relevantes de 31 países que discutem noções de país, nação, identidade, território, mapeamento e fronteira sob os aspectos geográficos e culturais.

O evento torna-se peculiar por priorizar e investir no público escolar, como público alvo da mostra. Conforme dados apresentados pela Fundação Bienal, mais de 600 mil pessoas visitaram as exposições e participaram das atividades propostas. Destas quase 130 mil eram estudantes e professores atendidos pelo Projeto Pedagógico em atividades de formação de professores e mediadores, oficinas, conversas com público e seminários.

A pesquisa caracterizou-se por ser uma abordagem qualitativa, pois teve como foco de investigação a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, na interação com a arte contemporânea em saídas pedagógicas a 8ª Bienal do Mercosul. Foram acompanhados três grupos de alunos de distintas escolas de uma rede pública de ensino, denominadas na pesquisa de Escola A, B e C. A escola A visitou a mostra do artista homenageado Eugênio Dittborn, no Santander Cultural, e as Escolas B e C visitaram o roteiro da Geopoética, no Cais do Porto. Posteriormente, foram entrevistados 43 alunos das séries finais do Ensino Fundamental que constituíram o corpus da pesquisa.

A partir das experiências relatadas foram analisados os pressupostos e as dinâmicas que caracterizam a interação com a arte contemporânea, visando a perceber os sentidos produzidos pelos alunos, tendo como referência a semiótica discursiva na análise dos dados. Buscou-se, também, observar a expectativa dos alunos em relação ao evento, salientando as principais obras que foram mencionadas, assim como a importância do mediador e do professor de arte na apreensão das obras.

Neste texto são apresentadas as reflexões referentes a atuação da mediação na produção da significação em relação à arte contemporânea e o papel do professor no processo de construção do conhecimento em arte. É importante ressaltar que essas práticas interativas de apreensão da arte criam redes de significação e conexões que influenciam na produção de sentidos dos alunos.

O mediador e o professor de arte como actantes na apreensão da arte contemporânea

Na interação com a arte contemporânea, os espectadores são convidados a participar do diálogo e completar a obra, atuando como uma das instâncias enunciativas na elaboração de sentido. Observa-se que, nas visitas guiadas na Bienal do Mercosul, a ação da mediação constitui-se num enunciador em potencial que atua, diretamente, na relação do espectador com a obra, influenciando, significativamente, na construção dos sentidos por parte dos alunos.

Quando questionados sobre a importância da mediação na compreensão das obras, os alunos foram enfáticos em afirmar a necessidade de se ter alguém explicando as obras. Os alunos Otávio, Carla, Viviane, Clara e Jade relatam suas percepções sobre a ação da mediação:

Otávio (15 anos – 7ª série) Escola C: *É bom porque ela nos diz coisas que nós não sabíamos para poder ter mais detalhes das coisas que são mostradas lá no Mercosul, mas também não só nesse lugar, pode ser em outros também. É bom ter estas pessoas dizendo o que está acontecendo naquilo, saber direitinho o foco que precisa saber. Explicou bastante, ela respondia, tu não precisava perguntar, antes de responder ela falava.*

Carla (15 anos – 7ª série) Escola C: *Ela sabia direitinho o que era. Ela pedia perguntas, mas ninguém tinha mais perguntas, porque todo mundo pensava no que ia responder na pergunta dela, ela já respondia bem antes que a gente perguntasse porque não tinha como a gente responder porque já estava tudo bem explicadinho, muita coisa que a gente não sabia o que era, ela explicou lá.*

Viviane (13 anos – 7ª série) Escola C: *Numa Bienal nunca explicaram tanto assim como esta que eu fui. Porque lá (na outra Bienal) eles pediam para a gente dar as perguntas para eles responderem, ela foi a primeira que eu cheguei na Bienal e explicou direitinho sem a gente perguntar o que é e o que não é. A gente até ajudava ela numas coisas que a gente sabia. Ela explicou coisas que a gente nem sabia que existiam, tipo este negócio daquela bandeira preta, do complexo do alemão, eu não sabia nada disto, ela explicou direitinho. Se não fosse ela eu também não ia ficar sabendo.*

Clara (12 anos – 7ª série) Escola C: *foi porque ela explicava até os mínimos detalhes, ela sabia tudo. Teve uma hora que nós sentamos ali e ela nos dando livros. Eram livros cheios de siglas, de enigmas e coisas que estavam ali escritos, mas tinha partes pintadas de preto para ninguém descobrir o que estava ali e ela explicava tudo que estava ali. Era bem legal*

Jade (13 anos – 7ª série) Escola B: *Ajudou bastante, se eu tivesse ido sozinha, eu não ia entender nada.*

Observa-se nestes relatos que a incompreensão é uma característica da experiência com a arte contemporânea, tendo em vista que o público, em geral, ainda não tem parâmetros construídos para compreendê-la. Os alunos, apesar de estarem abertos para a experiência com a arte, não fogem à regra, pois relatam a dificuldade de entendê-la, justificando a importância da mediação nesse processo. Destacam a contribuição dos mediadores para o entendimento das obras que, caso contrário, não seria possível, ficando a dúvida, a incerteza e a incompreensão.

Cocchiarale, no livro *Quem tem medo da arte contemporânea* (2006), ressalta essa prática generalizada do mundo institucional das artes que compreende o grande público de necessitar da mediação pela palavra para a produção de sentido. Para o autor, “a explicação assassina a fruição estética, já que ao reduzir a obra a uma explicação mata sua riqueza polissêmica e ambígua, direcionando-a num sentido unívoco” (COCCHIARALE, 2006, p.14).

Para ilustrar esse fato apresento o relato da aluna Bianca que descreve o processo de significação construído em torno da obra, influenciada pelo discurso da mediação.

Bianca (13 anos – 7ª série) Escola B: *passou um monte de coisa pela minha cabeça isto aqui pode ser tal coisa, se ela explica é bem melhor, faz que eu entenda. Se eu fosse sozinha eu iria entender de outro jeito. Que nem aquele que tinha uma imagem que ela era feita com alfinete. Eu não sei o que iria passar pela minha cabeça, eu nunca pensei que fosse um mapa diferente. Ia passar várias coisas na minha cabeça menos isso.*

R: O que passa na tua cabeça não seria muito mais interessante do que um mapa diferente?

Bianca: *Não, acho melhor eu saber que é um mapa diferente, senão eu podia contar para as pessoas uma coisa que é bem diferente da outra.*

R: O que você pensou daquela obra?

Bianca: *Gostei, mas a primeira vez que eu vi não pensei que fossem alfinetes, ficou muito linda porque é muito diferente. O alfinete vai até o outro lado, passa do quadro até a parede.*

A aluna Bianca afirma que, inicialmente, *passou um monte de coisa na minha cabeça*, e que, com a informação da mediação, o pensamento foi direcionado para um único sentido, impedindo o exercício criativo de lidar com a provocação da obra. Esse fato reforça o pensamento de Cocchiarale (2006, p.14), quando afirma que as pessoas querem entender a obra em vez de senti-la, “entender significa reduzir a obra à esfera do inteligível” e que o sentir implica perceber as redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas pelo jogo proposto pelo artista.

John Dewey (2010) ao analisar a experiência com a arte, diferencia uma experiência predominantemente intelectual ou prática de uma experiência distintivamente estética ao observar o interesse e o propósito que as iniciam e as controlam. “Em

uma experiência intelectual, a conclusão tem valor por si só. Pode ser extraída como uma fórmula ou uma verdade” e o fim caracteriza-se por apenas uma integração das partes (Dewey, 2010, p.138). Segundo o autor o que distingue uma experiência como estética “é a conversão da resistência e das tensões, de excitações que em si são tentações para a digressão, em um movimento em direção a um desfecho inclusivo e gratificante” (DEWEY, 2010, p. 139). Ou seja, a experiência estética se caracteriza por compactar distintos momentos anteriores de longa duração num momento de clímax que abarque em si todas as outras vivências.

A fala da aluna Amanda, ao comentar a importância da mediação na visita guiada, relata uma experiência com a obra, sem a participação da mediação em que o entendimento da proposta artística não foi possível, ficando a dúvida a persistir no pensamento.

Amanda (12 anos – 7ª série) Escola C: *A gente não ia entender nada se ela não explicasse porque, tipo aquela obra das pedras que ela nem chegou a explicar, está lá um monte de pedra, como ela não explicou, não tem como entender. Um laque aqueles de mercado, não tem como entender porque ela não explicou. Por isso é importante porque daí a gente não entende as obras se ela não explicar.*

Amanda: *Pois é eu fiquei olhando, mas o que é aquilo ali, meu Deus? Ontem eu não consegui dormir pensando. Tinha aquelas pedras no chão e tinha um paredão que parecia as marcas da pedra com pó assim.*

Observa-se uma alteração no estado de espírito provocado pela interação com obra que mobilizou o pensamento a partir das sensações vivenciadas. Caracterizou-se por ser uma experiência extensiva no tempo em que não foi possível naquele momento a conversão das tensões para um desfecho inclusivo, mas que se encaminha para este fim. Enquanto que a experiência intelectual, que é a oportunizada pela mediação, finaliza-se nela mesma ao integrar as partes.

As mediações com a arte contemporânea promovidas pelo Projeto Pedagógico da Bienal do Mercosul são desafiadas, a cada edição, a construir um percurso que ainda não é dado, mas precisa ser experimentado, vivenciado e avaliado diante da experiência com as obras. A arte contemporânea lida com referências de diversos contextos, linguagens que, ao conhecer, ampliam nosso entendimento. Porém, uma

mediação deve priorizar uma abordagem que oportunize uma apreensão sensível do sentido, o sentir a obra, para posteriormente, acessar ou não informações que ampliem o modo de ver/entender a obra.

Por este viés, a Bienal do Mercosul tem essa potencialidade de oportunizar a experiência com a arte que é fundamental para o exercício de apreensão estética. Os educadores e as instituições que promovem o contato com a arte contemporânea têm, na atualidade, um grande desafio em criar dispositivos que possam agenciar os sentidos na experiência sensível e inteligível com a linguagem artística. A arte contemporânea se mostra de forma conceitual, provocando outro modo de experiência e de saber que desencadeia sensações, percepções e afetos por meio de imagens, sons, palavras, objetos e lugares.

O campo da mediação na arte é um campo muito delicado de atuação e sofre muitas críticas, principalmente por parte dos especialistas da área, pois se percebe geralmente uma condução na leitura das obras. No entanto, para a maioria dos professores de arte, este é um lugar confortável em que se transfere para um terceiro a condução da visita e a construção da significação sobre as obras, pois nem sempre o professor se autoriza a fazê-lo, colocando-se no mesmo lugar de espectador do aluno.

Neste contexto educativo, os professores de arte têm um importante papel a desempenhar, sendo que a concepção de arte enfatizada no ensino ministrado nas escolas irá influenciar, diretamente, a experiência dos alunos com a arte contemporânea. Nas entrevistas, questionei sobre a importância das aulas de arte ministradas na escola para a compreensão das obras. Apresento as percepções dos alunos sobre a prática de ensino de cada professor.

Prática de ensino da Escola A e a mostra Eugênio Dittborn

Jéssica (14 anos – 7ª série): *A gente faz desenho abstrato, desenho pontilhado. Aqui é uma coisa. Na sala de aula a gente quer fazer coisas bonitas, bem coloridas e não que nem lá, é bem diferente. Lá tinha tipo uma foto e o desenho.*

Verônica (14 anos – 8ª série): *Ajuda bastante. É como o professor fala, é desenho abstrato, tem desenho que a gente pode fazer com linhas. Como é arte, de como a gente pode desenhar, o que a gente pode ver, fazer, como é o mundo artístico.*

Amanda (13 anos – 6ª série): *Este tipo de arte, assim? Eu acho que não. O conteúdo que eu tive aqui, não. Não me ajudou nada. As cores, não focadas em artes de outros artistas, que nem tipo ela (a mediadora) mostrou algo assim, mostrando cada tipo de arte, só de cor, mas nada que tu possas ter noção de algum dia ver e aprender*

Bruno (12 anos – 6ª série): *Até então, aqui, sobre artes a gente só teve tipo leitura e desenhos, como fazer um desenho. A gente teve só os conceitos e termos de um desenho, como policromia, como as linhas, quentes e frias. A gente teve exercícios de desenho e tal só para a gente trabalhar nossa arte, mas a gente não teve nada igual.*

Observa-se, pelos relatos dos alunos da Escola A, uma prática artística realizada pelo professor com influência do ensino da arte tradicional que se reduz “a um ensino mecanizado, desvinculado dos aspectos do cotidiano, e com ênfase exclusivamente no professor que passa para os alunos informações” (FERRAZ & FUSARI, 2010, p.25). Os alunos descrevem atividades e técnicas realizadas na escola que se apresentam desvinculadas de um conhecimento da arte, obras e artistas. Os alunos Jéssica, Amanda e Bruno reconhecem a diferença entre as atividades desenvolvidas na escola e a experiência com a arte vivenciada no durante a Bienal, ressaltando que o ensino da arte não os prepara para o conhecimento da arte contemporânea.

Prática de ensino da Escola B e a mostra Geopoéticas

Thayssa (15anos – 7ª série): *Ajuda. A professora procura explicar bem para a gente. Ela deu este quebra-cabeça para a gente só que do jeito da gente fazer, não tentando olhar, entendeu. A professora sempre procura mostrar um monte sobre a natureza para a gente, sempre, em todos os anos. Ela não quer fazer só de uma coisa, ela dá de tudo, ela dá várias coisas, a Mona Lisa, ela dá de tudo quanto é coisa. E a natureza é o que ela mais dá, gosta de puxar pela gente, pela natureza que está sofrendo.*

Maycon (15 anos – 8ª série): *Ontem, tudo o que elas perguntavam eu sabia responder. Eu disse onde é que se encontrava o quadro do Abaporu, a peça original, eu disse na Argentina. A professora tem o costume de misturar os artistas, a gente fez o Abaporu com Romero Brito e ficou bem legal.*

Jade (13 anos – 7ª série): *Mais ou menos. Acho que não, sei lá. Porque não é a mesma coisa, a gente só vai fazer o que a professora mostra. Sei lá, é diferente.*

Bianca (13 anos – 7ª série): *A arte que eu aprendo na escola é bem diferente. Lá a gente pode ver que é tudo mais criativo, tudo mais diferente. A da escola não se parece muito com o que a gente vê lá.*

Juliana (13 anos – 7ª série): *É bem diferente porque a professora fala uma coisa e quando fala, e lá eles mostram, explicam. Eu fiquei assim, como assim, ninguém me avisou. Quando eu chegar lá eu vou ver como é que é.*

Maycon (15 anos – 8ª série): *Eu esperava mais escultura, alguma coisa mais trabalhada.*

Dábila (16 anos – 8ª série): *Eu também porque é o que a gente está trabalhando. Eu gosto do tipo do Picasso que é o que a gente está estudando.*

Os alunos da escola B referem-se a alguns artistas, como Romero Brito, Picasso e citam obras como a Monalisa e o Abaporu, demonstrando ter algum conhecimento de arte e que esse conhecimento foi trabalhado nas aulas. Ressaltam a qualidade do trabalho da professora que explica bem a matéria e os desafia a criar, a serem originais nos seus trabalhos.

Observa-se, nos relatos, que o conhecimento de arte está presente na escola, porém dentro de uma concepção de arte moderna, que privilegia os grandes mestres e as vanguardas artísticas, enfatizando as linguagens tradicionais como pintura e escultura. O estranhamento com a arte contemporânea aparece nas falas das alunas Jade, Bianca e Juliana que consideraram muito diferente a arte visualizada na Bienal, daquela que é trabalhada na escola, assim como, os alunos Maycon e Dábila que esperavam ver na Bienal algo mais bem trabalhado, como escultura e pintura que está mais próximo daquilo que consideram arte.

Martins (2002, p.53) afirma que “a obra de Arte e sua história entraram pela porta da escola possibilitando o acesso”. Mas questiona que arte e qual olhar sobre a arte entrou na escola. Ressalta a necessidade de nos tornarmos professores pesquisadores: “ávidos por descobertas, atentos a tudo que nos possa abrir horizontes, corajosos e ousados para permitir o caos criador e o estudo que nos leve para o que ainda não sabemos” (MARTINS, 2002, p.55).

Prática de ensino da Escola C e a mostra Geopoéticas

Otávio (15 anos – 7ª série): *Sim, ajuda. Entender assim, por exemplo, vamos supor que tem um quadro com uma mancha, vamos dar uma suposição, se tu não entende a arte tu olha para aquele quadro e opa! É um quadro e chegou um cara e colocou um pingo de tinta. Agora se tu aprende arte tu sabe o que uma arte tem, tu vai ver o outro lado, o outro sentido do quadro que lá é uma imaginação que o artista teve de expressar uma população vamos supor, um quadro branco com um pingo preto, uma população pequena diferente da população grande, sabe uma coisa diferente. A arte muda o teu conhecimento para as coisas.*

Viviane (13 anos – 7ª série): *Sim. Quando a gente faz trabalhos assim que nem no ano passado que a professora deu, que era uma folha assim que tinha, era uma obra, ela nos fez entender o que tinha dentro daquela obra, entender o que aquilo lá passava para nós. E eu acho que isso ajuda muito. Que nem lá na Bienal tu vai olhar, uma pessoa que não sabe, que não aprendeu o que é arte, vai olhar e vai ver qualquer coisa. Quando tu aprende, quando tem uma pessoa para te ensinar tu vai saber o que tem por trás daquela obra, daquele quadro.*

Carla (15 anos – 7ª série): *Sim, porque a professora nos ensinou, nos deu desenhos, coisas para a gente fazer sobre a Bienal, como aquele lá dos tênis, várias coisas lá ela nos ensinou. Nos ensina muitas coisas que a gente vê e que a gente não vê lá.*

Jenifer (16 anos – 7ª série): *A professora fala coisas assim da gente às vezes, por exemplo, não sabe o que vai fazer no trabalho, mas daí quando ela vai falando tu já vai pensando, vai fazendo assim com a mente mesmo. Vêm ideias na cabeça.*

Carlos (13 anos – 7ª série): *A professora tem várias ideias boas e transforma aquilo numa boa atividade para a gente desenvolver.*

Camila (14 anos- 7ª série): *Bastante, na minha opinião algumas coisas assim me ajudaram bastante ontem. Porque a professora até já tinha comentado umas aulas antes sobre alguns artistas, só que não sobre as obras deles, só sobre os artistas. Daí até teve um artista, que eu não lembro agora o nome, que ela tinha comentado comigo na aula, eu cheguei lá tinha uma obra dele.*

Vanessa (14 anos – 7ª série): *É interessante que os projetos que ela faz na aula, nossas atividades, são interligados com os passeios que a gente faz, como o da Bienal. Como ela fez com o da foto e do jogo, que se interligavam junto com a Bienal.*

Os alunos da Escola C reconhecem a importância das aulas de arte para a compreensão da arte visualizada na Bienal, assim como a qualidade do trabalho

pedagógico e a competência da professora de arte em desenvolver o conteúdo conectado com as questões da contemporaneidade. Martins (2002) ressalta o papel fundamental do professor como mediador do conhecimento de arte na escola:

Independente das possibilidades físicas e materiais, no encontro com a Arte enquanto objeto de conhecimento, haverá sempre a necessidade de um educador sensível, capaz de criar situações em que possa ampliar a leitura e a compreensão de homens e mulheres sobre seu mundo, sua cultura. Capaz ainda de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada produtor/fruidor/aprendiz. (MARTINS, 2002, p. 57)

É ancorada nesta percepção de educador/professor sensível que entendo a importância e abrangência da ação pedagógica como possibilitadora de brechas de acesso para que a experiência estética com a arte aconteça e produza sentidos. O professor é o principal mediador do conhecimento da arte na escola, para tanto precisa assumir este compromisso com um ensino da arte qualificado e agregar, a sua função, os adjetivos de pesquisador, reflexivo, intelectualⁱⁱⁱ e, principalmente, artista, ao criar situações e pensar desafios instigadores e estéticos, que caracterizam o processo criativo voltado para o ensino da arte.

Em relação à mediação, seja a escolar, que é realizada pelo professor de Arte, ou aquela que acontece nas instituições culturais e museus, é importante perceber a influência desta prática na experiência estética dos alunos com a arte. Segundo Martins (2002, p.56), “a mediação pode provocar a disponibilidade e a empatia, mas também o rebaixamento da sensibilidade e o distanciamento de uma experiência estética e artística”.

No contexto da presente pesquisa, observa-se que o mediador e o professor de arte realizam papéis distintos na apreensão da arte. A ação do mediador é mais pontual, ocorre apenas no momento da interação com as obras, em que busca auxiliar os alunos na construção de uma significação comprometida com a proposta curatorial do evento. Uma curadoria também pode levar a perceber sentidos que necessariamente não estão explícitos na obra, mas que surgem pela aproximação com outros trabalhos, gerando um movimento de comunicação e contaminação ao colocá-los em relação entre si e o público.

No caso do professor de arte, ele dispõe de um período maior de tempo, ao acompanhar um grupo de alunos no decorrer de um ano letivo, podendo construir um percurso de conhecimento em arte ao acessar códigos, oportunizar experiências e sensibilizar os alunos para a percepção da arte. Neste caso, a concepção de arte que sustenta a prática pedagógica do professor será o diferencial na criação de brechas de sentido na experiência sensível com a arte contemporânea.

Landowski (2012) diferencia as concepções que envolvem a experiência sensível, salientando dois modos de como o observador olha para o objeto: a leitura como um exercício de construção de uma significação a partir do reconhecimento do que está representado, codificado; e a apreensão como uma possibilidade de relação a ser construída pelo sensível, um modo de olhar sem envolver um conhecimento construído sobre o outro, um olhar aberto para as coisas imprevistas. “Um olhar que não fecha a possibilidade de criação”^{iv}

Este é o grande desafio que enfrentam as instituições e profissionais que lidam com a mediação e o ensino da arte: buscar um meio termo na ação pedagógica que vise à construção da significação e que também possibilite a experiência sensível direta com a obra. As duas abordagens não se excluem, pois ambas são pertinentes no contexto de uma Bienal. Em relação à abordagem com a arte contemporânea, esse é ainda um caminho a ser construído, não existem receitas prontas, mas é importante encontrar o equilíbrio entre a leitura e a apreensão das obras, considerando que são duas formas de sentido sinalizadas pelos alunos como significativas.

A experiência de mediação com a arte contemporânea vai se consolidando na prática, na observação atenta e sensível da forma como a interação com a obra acontece. É importante, neste processo, permitir o diálogo entre o sujeito e a obra, tangenciando aproximações possíveis que estimulem o público a estabelecer suas próprias relações com a obra, na e pela experiência, sem induzir a uma leitura formal ou conceitual pré-determinada.

Notas

ⁱ Lyotard, Jamenson, Bauman, Lipovestky, Habermas são alguns dos teóricos que tem discutido através de diferentes perspectivas as questões do Pós-modernismo.

ⁱⁱ A Bienal de Artes Visuais do Mercosul é uma mostra internacional de Arte Contemporânea, que ocorre, desde 1997, em Porto Alegre e já consolidou o Rio Grande do Sul como um polo cultural do Cone Sul.

ⁱⁱⁱ Autores como GIROUX (1997), PERRENOUD (1993), SCHÖN (2000), TARDIF (2002) E ZEICHNER (1993) tem problematizado os saberes profissionais e a formação docente, detendo-se a analisar as práticas pedagógicas diante dos desafios da contemporaneidade, ressaltando as características deste professor como intelectual, pesquisador e reflexivo.

^{iv} Comunicação oral no Curso Semiótica da Interação. (PUC/SP, abril 2013). O autor apresenta esta diferenciação no texto ¿Habría que rehacer la semiótica? (2012, p. 145).

Referências

BELTING, Hans. *O fim da história da arte*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005.

COCCHIARALE, Fernando. *Quem tem medo da arte contemporânea?* Recife: Fundação Joaquim Nabuco - Ed. Massangana, 2006.

DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte: Arte Contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FAVARETTO, Celso F. Arte contemporânea e educação. *Revista Iberoamericana de Educación*, Madri, nº 53, p. 225-235. 2010. Disponível em: <www.rieoei.org/rie53a10.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2013.

FUSARI, Maria F. de Rezende e FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2010.

LANDOWSKI, Eric. ¿Habría que rehacer la semiótica? *Contratexto 20*, Universidad de Lima, 2012, p. 1227-155. Disponível em: <www2.ulima.edu.pe/Revistas/contratexto/index.htm>. Acessado em: 12 mai. 2013.

LEDUR, Rejane Reckziegel. *Arte contemporânea e produção de sentidos dos alunos no ensino da arte: a experiência estética na Bienal do Mercosul sob olhar da semiótica*. 234 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). *Mediação: provocações estéticas*. São Paulo: UEP, v. 1, n.1, outubro de 2005.

MARTINS, Mirian Celeste. Conceitos e terminologia. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002. P. 49-60.

MELUCCI, Alberto. *Acción Colectiva, Vida Cotidiana y Democracia*. México. El Colégio de México, Centro de Estudios Sociológicos, México, 1999.

Rejane Reckziegel Ledur

Doutora em Educação pela UFRGS. Professora do Curso de Artes Visuais da ULBRA/Canoas e da Rede Municipal de Canoas (RS). Integra o Grupo de Pesquisa em Educação e Arte – GEARTE. Possui experiência com formação de professores, desenvolvendo pesquisas sobre arte contemporânea, produção de sentidos e ensino de arte.